

A RECONSTRUÇÃO DA ALEMANHA E DAS IDENTIDADES NO PÓS – GUERRA. O CASO DO COMITÊ DE SOCORRO A EUROPA FAMINTA EM RIO DO SUL – SC

RODRIGO WARTHA*

Introdução

Paralelo a Segunda Guerra Mundial o Brasil criou uma tentativa de homogeneização da população na chamada campanha de nacionalização. O Estado Novo (1937-1945) de Getúlio D. Vargas perseguia cidadãos que não estavam alinhados as novas definições ditadas pelo governo federal agindo diretamente nos modos de vida das populações mais distantes, inclusive descendentes de imigrantes alemães que viviam no Vale do Itajaí¹. No entanto, movimentos de uniformização da educação em moldes nacionalistas já haviam sido utilizados anteriormente, quando do evento da Primeira Guerra Mundial, alterando assim o cotidiano da vida nas colônias.

O mundo logo após a Segunda Guerra passou a ser um mundo bipolar. A hegemonia entre dois grandes países ditava a dinâmica política, cultural e econômica da época, o mundo agora gravitava entre Washington e Moscou. Duas forças que representavam dois sistemas antagônicos, o capitalismo dos Estados Unidos e o socialismo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A idéia propagada era de um mundo que deveria ser reconstruído sobre a sepultura de cinquenta e cinco milhões de pessoas e também sobre a sepultura do nazismo².

O Vale do Itajaí e a ligação histórica e cultural com a Alemanha

Para o Vale do Itajaí, onde a campanha de nacionalização obteve um impacto expressivo, fechando escolas, prendendo pessoas, o mundo pós-guerra teve um sentido

* Graduado em História, Pós-Graduado em Educação, Diversidade e Cultura Indígena. Funcionário do Museu e Arquivo Público Histórico de Rio do Sul (SC), Membro do Conselho Editorial da Revista: Rio do Sul Nossa História em Revista. Membro do GPEAD - Grupo de Pesquisa Ethos Alteridade e Desenvolvimento.

¹ A região do Vale do Itajaí é uma das oito regiões que compõe o território catarinense, as demais são: Litoral, Nordeste, Planalto Serrano, Planalto Norte, Sul, Meio-oeste e Oeste. Acesso em: www.sc.gov.br acesso em: 16 de fevereiro 2011.

² Esta tese pode ser relativizada, uma vez que ainda existem grupos neonazistas e mesmo que a conduta fascista não seja vivida na íntegra, ela habita no âmago de muitos seres humanos, mesmo que inconscientemente.

bastante peculiar. Todo o sentimento de pertencimento³ dos descendentes de alemães para com a pátria de origem dos seus antepassados passou a ter um significado onde a ligação étnica com a Alemanha ainda estava de algum modo engendrada por fios que conectavam estes descendentes a se comoverem com a situação dos alemães de modo especial.

A idéia de pertencimento pode ser observada na obra de Martim Dreher:

Com a criação do Reino Alemão, em 1871 veio à tona entre os pastores aquilo que inconscientemente já estava presente: o orgulho nacional. A vitória na guerra franco-prussiana foi inclusive celebrada em cultos. Pastores e comunidades passaram a partir de 1871 a cultivar conscientemente o caráter germânico. A partir de agora o aniversário do imperador alemão passa a ser celebrado em cultos festivos. Essa mudança na atitude dos pastores veio a manifestar-se plenamente no período sinodal. Faltava-lhes uma organização, na qual pudessem agir em favor da preservação da germanidade (DREHER, 1984:75).

Com a unificação do Reino Alemão e a posterior construção da nação alemã segundo Dreher, ocorreu um movimento de pertencimento que esteve presente não somente entre os alemães na Europa, mas também no Brasil. Sendo assim desencadeando então o *orgulho nacional*. Este orgulho envolveria e aumentaria a ligação com a pátria dos antepassados. Ainda nesta lógica, os religiosos tiveram papel muito importante, que da igreja mãe da Alemanha partiam para pregar a palavra de Deus em lugares onde havia colônias germânicas e responsáveis também pela divulgação deste sentimento de nacionalidade e pertencimento, denominado aqui de *orgulho nacional*.

A idéia de fazer parte de uma grande comunidade imaginária germânica era compartilhada por boa parte dos alemães que migravam. Neste sentido, Bávaros e Prussianos passaram a se entenderem enquanto alemães e este sentimento também se estendeu para as colônias onde os pastores que eram formados na Alemanha passaram inclusive a celebrarem datas extremamente nacionalistas e até o *aniversário do imperador alemão passa a ser celebrado em cultos festivos*.

Desta forma, a identificação com o país europeu se tornou tão grande que segundo o autor de *Igreja e Germanidade* as famílias evangélicas de descendentes de

³ É importante desde o princípio abordar o fato de que este texto não discute questões teóricas sobre o tema das identidades. Mas aborda a reconstrução de elementos simbólicos de identificação entre teuto-brasileiros para com a cultura germânica, isto na cidade catarinense de Rio do Sul no período pós Segunda Guerra Mundial.

alemães residentes no Sul do Brasil, realizaram doações em prol dos militares inválidos na guerra franco-prussiana:

É, porém provável que já tenham tido contato com a idéia de um Reino Alemão unificado procurando influenciar suas comunidades nesse sentido. Uma série de relatos atesta que apenas o ano de 1871 provocou uma mudança no pensamento das comunidades. A guerra franco-prussiana despertou um certo entusiasmo entre os teutos que provavelmente, também foi patrocinado pelos pastores. Foram celebradas festas comemorativas à vitória alemã e cada família evangélica fez, em média, uma doação de dois Mil Réis para a fundação pró-inválidos (DREHER, 1984:63).

Todo este sentimento de pertencimento, e identificação inclusive no período pós-guerra franco-prussiana auxilia a compressão da posição dos teuto-brasileiros no momento pós Segunda Guerra Mundial, pois com o final da guerra foram diversas as instituições de ajuda humanitária criadas para reconstruir a Europa e minimizar o sofrimento das vítimas.

As idéias de pertencimento também podem ser explicitadas a partir de dois fatores, um deles é a Lei *Delbrück*, de 1913 e o outro fator é o próprio *Deutschtum*.

A Lei *Delbrück*, ou a *Reichs- und Staatsangehörigkeitsgesetz*, de 22 de julho de 1913 tinha por objetivo e por vias legais fornecer uma dupla nacionalidade aos alemães imigrantes ou descendentes nascidos no Brasil:

Além disso, há a aceitação de uma identidade cultural alemã entre os imigrantes e descendentes residentes no Brasil, fundamentada nos movimentos pangermanistas, pela via legal da dupla nacionalidade (Lei *Delbrück*, ou a *Reichs- und Staatsangehörigkeitsgesetz*, de 22 de julho de 1913), fazendo com que os descendentes de imigrantes reivindiquem a coexistência entre a cidadania brasileira e a nacionalidade alemã, tendo como pressuposto a idéia que o Brasil é um Estado sem Nação. Tal afirmação é sustentada pela alegação da inexistência de uma legítima identidade nacional brasileira, por conta da miscigenação entre lusos, negros e indígenas (VOIGT, 2008:55).

Já o *Deutschtum*, é um termo muito mais abrangente. Este conceito procura dar conta de explicar como se forma a germanidade, e quais os elementos que estão explicitados nela. A compreensão da germanidade se faz de suma importância, para a compreensão do pertencimento do qual nos referimos em relação aos descendentes de alemães a pátria de seus antepassados.

Este *Deutschtum*, sentimento de germanidade pode ser compreendido a partir do trabalho da antropóloga Giralda Seyferth, em sua obra *Nacionalismo e Identidade étnica*.

Deutschtum é a *Volkstum* alemã, o germanismo ou germanidade, a essência da Alemanha, representando o mundo teutônico. *Deutschtum* engloba a língua, a cultura, o *Geist* (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo o que está relacionado a ela, mas como nação, não como Estado. Representa uma solidariedade cultural e racial do povo alemão (SEYFERTH, 1982:46).

Quando Seyferth diz que o *Deutschtum* é a *Volkstum*, a antropóloga catarinense se refere ao fato de que a *Deutschtum* é a nacionalidade alemã. No entanto, a idéia de nacionalidade concebe alguns elementos que são indissociáveis do *Deutschtum*, são estes, a raça, o idioma e a relação do alemão com o trabalho. Estes são os três pilares para a formação da nacionalidade alemã.

Giralda ainda aponta para o fato de que a unidade alemã tenha sido tão forte que a idéia de uma Alemanha unificada e grande sob um imperador é tão bem construída que os teuto-brasileiros aqui em sua segunda e terceira geração, sem nem mesmo conhecerem a Alemanha se identificam como alemães. E este reconhecimento se dá pelo fato de que estes não falam o “Prussiano”, “Bávaro” ou “Saxão”, todos se reconhecem enquanto alemães que falam o idioma “alemão”.

Esta percepção do cidadão brasileiro que mesmo nascido no Brasil se entendia enquanto *alemão* também é percebido e explicado a partir desta mesma obra, segundo Seyferth o que definia esta formação identitária é a própria concepção de nacionalidade dos alemães e seus descendentes:

O ponto focal da ideologia nacionalista alemã determina que o povo alemão não necessita estar ligado a um território específico ou a um Estado para constituir uma nação. Esta foi uma colocação comum a vários nacionalismos europeus que se fundamentaram no *jus sanguinis*. Assim, o povo (e também a nação) existe desde que certos interesses e espírito comum estejam presentes e sejam mantidos por seus membros. O elo que liga um povo e sua nação é o que os alemães chamam de *Volksgemeinschaft* e *Deutschtum*, o que quer dizer, uma comunidade de interesses e uma cultura, raça e língua comuns – referenciadas como a “consciência nacional alemã” (SEYFERTH, 1982:45).

No entanto, esta idéia de pertencimento a uma nação através do *jus sanguinis* é aceita e propagada justamente em um período em que as grandes nações européias cultivavam políticas expansionistas. A negação de um pertencimento através do *jus solis* se dá pelo fato de haver várias ligações culturais com a pátria de origem. Pois:

A nação é considerada fenômeno étnico-cultural e, por esta razão, não depende de fronteiras; a nacionalidade significa a vinculação a um povo ou raça, e não a um Estado. A cidadania, sim, liga o indivíduo a um Estado e,

portanto, expressa sua identidade ‘política’. Mas uma cidadania não alemã em nada impede que um descendente de alemães seja fiel à nacionalidade dos seus antepassados que *herdou*. (SEYFERTH, 1982:46).

Seyferth aponta para o fato de que a concepção de nação para os alemães é de uma *comunidade identificável pelos elementos que compõem o Deutschtum*, só este fato já seria suficiente para entender a definição de *jus sanguinis* a partir da definição alemã:

Na verdade, a nação alemã é concebida como uma *comunidade étnica* homogênea, identificável pelos elementos que compõem o *Deutschtum*. Uma comunidade étnica que não tem muito a ver com um território específico, embora exista uma entidade política chamada Alemanha. Os membros da comunidade estão espalhados por todo o mundo, e o elo de ligação entre eles é sua *Eigenart* (índole, característica, peculiaridade) germânica (SEYFERTH, 1982:67).

Dentro desta idéia de comunidade étnica homogênea, onde existem elementos comuns que compõem o *Deutschtum*, aponta Cynthia Machado Campos que o idioma era um destes fatores juntamente com a raça e noções de cultura: “Não apenas a constituição de um território ou de um estado, mas sim de um ‘espírito comum’ povoava a imaginação. Noções de cultura, raça e língua constituíram o elo fundamental que determinava a ligação de um alemão a outro, elemento que poderia mantê-los unidos” (CAMPOS, 2006:29).

O pós – Guerra e a construção do Comitê de Socorro à Europa Faminta (SEF)

Após o final da Segunda Guerra Mundial várias foram as instituições criadas para minorar o sofrimento dos refugiados. Entre as muitas foi criado o Comitê de Socorro à Europa Faminta (S.E.F.), órgão este criado em 1946 pela instituição caritas da Suécia, tendo como sede mundial a cidade de Estocolmo. Na Alemanha, a EKD (Igreja Evangélica da Alemanha) e a caritas de Lübeck se mobilizaram nesta causa recebendo os donativos e distribuindo-os. Este comitê se expandiu por boa parte do mundo e foi nos países de maior fluxo de imigração alemã que obteve maior apoio. A liderança mundial se deu pelo padre August Adelpkamp.

Segundo Evandro Fernandes que pesquisou as ações do comitê a nível nacional a S.E.F. chegou ao Brasil através de um pedido do próprio padre August Adelpkamp:

O comitê da SEF organiza-se em resposta ao apelo do dirigente da Caritas⁴ Sueca, Pe. Adelpkamp, ao Pe. Pauquet e Pe. Rambo solicitando ajuda da comunidade étnica alemã do Brasil para minorar as dificuldades materiais dos alemães, em abril de 1946. Ambos atuavam como professores no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, e a escolha destes nomes deve-se a seu elevado prestígio junto às colônias alemãs, onde desenvolveram significativo trabalho em prol da colonização alemã e da organização do grupo étnico alemão (FERNANDES, 2005:61).

Portanto, no caso do Brasil, este comitê teve sua sede no Colégio Anchieta, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, cidade próxima ao vale do Rio dos Sinos, região de forte imigração alemã no início do século XIX. A formação do comitê brasileiro era: Pe. Henrique Pauquet S.J, Pe. Balduino Rambo S.J, Rev. Ernest Schlieper (Vice-presidente do Sínodo Riograndense), Willy Siegmann e Fernando Coutinho (KLUG, 2000:277).

O objetivo da S.E.F. era enviar mantimentos de primeira necessidade para a Alemanha e Áustria, e com isto diminuir o sofrimento destes povos. Fernandes afirma que a S.E.F. também foi um mecanismo de política, o estudo aponta para a utilização do comitê como um meio de rearticulação por parte das elites germânicas no Brasil para reassumirem o espaço social e político que perderam na era Vargas:

O pós-guerra e, em especial, a criação do Comitê de Socorro para a Europa Faminta, constituiu-se, para as elites do grupo étnico alemão no Brasil, numa possibilidade de rearticulação de suas lideranças internas a fim de reocuparem o espaço social e político do qual foram privados pela ditadura Vargas (FERNANDES, 2005:59).

A presença das elites neste período foi tão grande e intensa que pode ser representada pelo início da S.E.F. em Santa Catarina:

A primeira contribuição significativa para a SEF em Santa Catarina foi realizada pelo ex-prefeito de Itajaí e ex-deputado estadual Marcos Konder, que se empenhou em indicar outras personalidades de relevância econômica que pudessem auxiliar no empreendimento (FERNANDES, 2005:88).

Pelo fato de que a guerra havia se encerrado recentemente, os idealizadores da S.E.F. preferiram não utilizar o nome Comitê de Socorro à Alemanha faminta, pois

⁴Fernandes define a Caritas como uma instituição da Igreja Católica, de âmbito internacional, com 146 organizações membros, atuante em 194 países. A Rede Caritas Internationalis tem sede em Roma e abrange todas as Cáritas nacionais, incluindo a Brasileira. É subdividida em 7 regiões: América Latina e Caribe, África, Europa, Oceania, Ásia, América do Norte e MONA (Oriente Médio e Norte da África). Ela atua com abertura ecumênica, estabelecendo parcerias com organismos nacionais e internacionais pelo resgate dos direitos humanos. A Caritas Internationalis é reconhecida pelo Conselho Socioeconômico da ONU como de “status consultivo geral”.

temiam serem confundidos e acusados de nazistas, o que poderia acarretar sérios problemas para estes e dificultar o envio dos mantimentos. As acusações eram feitas, e provinham de vários setores da sociedade, pois o veio político ainda dava margem para críticas. Uma vez que todo o passado da campanha de nacionalização era muito recente e “também a SEF sofreu, no pós-guerra, acusações de ter um caráter nazista, o que prejudicou seu desempenho junto aos segmentos sociais da comunidade étnica alemã” (FERNANDES, 2005:57-58).

Os resquícios da guerra, o ódio, o medo e o terror ainda insistiam em estarem presentes no cotidiano, tanto que somente quase duas décadas após o término do conflito que uma discussão sobre os imigrantes alemães e descendentes pode ocorrer no Brasil. De acordo com André Fabiano Voigt, em sua tese de doutorado intitulada de *A invenção do teuto-brasileiro*, foi somente no primeiro Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, realizado entre 24 e 30 de julho de 1963 no Rio Grande do Sul que um discurso positivo em torno do elemento germânico e seus descendentes pode ser realizado.

O historiador conclui em um minucioso estudo sobre os temas abordados no colóquio que “É possível notar, após esta exposição dos temas e abordagens do I Colóquio, que este é um evento no qual, pela primeira vez após a Segunda Guerra Mundial, comenta-se de modo positivo sobre os imigrantes alemães e descendentes no Brasil” (VOIGT, 2008:128).

No entanto, segundo Voigt, este colóquio concebeu aos descendentes de imigrantes alemães o conceito de teuto-brasileiros, este por sua vez foi um conceito construído para englobar estes descendentes sobre uma nova formação identitária que estaria esvaziada de sentido político, afinal o nazismo era coisa do passado, as idéias racistas e autoritárias sucumbiram perante a democracia imposta pelos Estados Unidos. Esta nova criação identitária denominada de *teuto-brasileira* estaria embasada em três características, *ética do trabalho, na lealdade e no conservadorismo*. Segundo o historiador, um mecanismo criado para facilitar a *administração populacional*:

O esquecimento do nazismo e dos movimentos políticos mais radicais de cunho racista na região Sul, assim como a ênfase exacerbada na ética do trabalho, na lealdade e no conservadorismo entre os descendentes de alemães no país, marcam um momento singular na constituição do conceito de teuto-brasileiro como uma realidade cultural comprovável e politicamente aceitável, devidamente incorporada ao pacífico “mosaico cultural” da nação brasileira. Em outras palavras, o I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros é

um momento em que se institucionaliza um discurso relativo ao teuto-brasileiro, onde se selecionam diversos enunciados e se lhes atribuem um novo significado, politicamente abrandado e que possibilita uma fácil administração populacional (VOIGT, 2008:128).

Mas para o cotidiano do pós-guerra, ainda nos anos quarenta, a comunidade teuta preferiu obter um comportamento de discrição, uma vez que toda a situação desencadeada pelo período de nacionalização que havia sido intensificada pela Segunda Guerra Mundial ainda estava muito presente. O mundo ainda não havia superado os horrores da Segunda Guerra Mundial. E nem ao menos sabia ao certo como conceber este passado recente.

O fim do conflito não possibilitou aos descendentes de alemães e italianos a liberdade para a expressão de sua cultura, o cotidiano de Rio do Sul (SC), onde não houveram bombas e explosões precisava de tempo:

A nova configuração política do Brasil no pós-guerra não garantiu de forma imediata a liberdade de expressão dos grupos étnicos e de suas lideranças intelectuais. O ressentimento entre a população étnica alemã, o Estado brasileiro e a maioria luso-brasileira ainda necessitavam ser superados e, isso, demandaria de um longo tempo. A Campanha de Nacionalização do Estado Novo significou um grande retrocesso cultural para os imigrantes alemães, pois escolas foram nacionalizadas ou fechadas e nunca mais voltaram a funcionar da mesma forma (STOER, 1965:59-60).

Uma cidade como Rio do Sul e uma região como o Vale do Itajaí, que a época possuía uma população em sua grande maioria de descendentes de alemães seria um fértil terreno para a S.E.F. A expansão da S.E.F. ocorreu logo após a sua fundação e tão logo chegou a Rio do Sul. João Klug aponta para a expansão do comitê brasileiro e a sua chegada a Rio do Sul:

Em junho/julho de 1946, o padre Pauquet juntamente com Willy Siegmann empreenderam uma viagem a Santa Catarina e sul do Paraná, divulgando os objetivos do comitê e estimulando lideranças locais a se engajar em sua proposta. Foi neste contexto que se fundou em Rio do Sul um subcomitê, sob a presidência do pastor Hermann Stoer e Max Mayr Sobrinho como vice (KLUG, 2000:277).

Hermann Stoer havia sido o pastor da comunidade luterana desde a época do turbulento período da Campanha de Nacionalização, agora era o presidente do subcomitê da S.E.F. em Rio do Sul.

A atuação da S.E.F. a nível mundial ocorreu durante três anos, de 1946 até 1949. Na comunidade evangélica luterana de Rio do Sul existem diversos documentos referentes à atuação deste subcomitê, estes documentos relatam o valor das doações,

quem as fez, e também os mantimentos, estes divididos por categorias como café, açúcar, remédios entre outros.

O subcomitê da S.E.F. em Rio do Sul recolhia os donativos e as contribuições em dinheiro e os nomes dos respectivos doadores e de seus destinatários na Alemanha. Mas as doações não provinham somente de Rio do Sul, mas de toda a região que seguiam de caminhão para Porto Alegre.

O Pastor Stoer, cita a atuação do comitê em seu livro de crônicas dos cinquenta anos da comunidade evangélica luterana de Rio do Sul, “A comunidade sentiu a necessidade de auxiliar e de maneira exemplar ajudou os famintos e refugiados da Europa, principalmente da Alemanha. Diversos caminhões levaram os donativos para Pôrto Alegre, donde seguiam para a Europa” (STOER, 1965:47).

As relações entre a comunidade luterana de Rio do Sul e a igreja na Alemanha eram bastante estreitas, pois até a chegada de Stoer a igreja alemã mantinha financeiramente a comunidade de Rio do Sul “Até 1937, a paróquia não conseguia se manter financeiramente, necessitando de ajuda anual da igreja-mãe da Alemanha” (KLUG, DIRKSEN, VOIGT, 2000:230). Stoer que mantinha regularmente contato com pessoas na Alemanha através de cartas, pois tinha boa parte de sua família morando lá, mobilizou toda a região para realizarem doações, isto via igreja luterana.

O pastor Hermann Stoer era alemão e nasceu em 07 de janeiro de 1906 em Neubeckum, na Westfália. Ele veio para o Brasil em 1929 atuando primeiro em Hammônia. Em 1930 inicia os trabalhos de pastorado em Santa Isabel onde fica até 1937. Em março de 1937 inicia o pastorado em Rio do Sul. Interessante pensar que até então a comunidade recebia auxílio da igreja luterana da Alemanha, após a sua chegada e com grande empenho da comunidade a paróquia de Rio do Sul passa a ter autonomia financeira, a que tudo indica para esta finalidade foi criada a festa da colheita.

O subcomitê de Rio do Sul tinha como sede um salão, onde atualmente funciona o colégio Sinodal Ruy Barbosa, neste salão as pessoas envolvidas trabalhavam a noite, empacotando e organizando os mantimentos a serem enviados para a Alemanha.

Segundo Stoer: “Diversos caminhões levaram os donativos a Pôrto Alegre, donde seguiram para a Europa. Relata-nos, por exemplo, a ‘Fôlha de Divulgações’ que só no mês de março de 1947 seguiram 227 pacotes num total de 1.400kgs. destinados aos nossos irmãos de além-mar” (STOER, 1965:47).

As doações, o auxiliou de forma geral para a S.E.F. de Rio do Sul não foram pautadas pela conduta religiosa, ou seja, não foram apenas luteranos que colaboraram, pessoas comovidas com os horrores da guerra colaboraram efetuando doações em mantimentos e em dinheiro, independentemente de suas orientações religiosas.

Na secretaria da comunidade evangélica luterana de Rio do Sul existe uma série de documentos, de volume considerável com relação ao subcomitê da S.E.F. na cidade. Dentre estes existem documentos dos quais relatam a forma de organização e atuação da S.E.F. O condicionamento e a distribuição dos produtos a serem enviados seguiam uma divisão, eram divididos em sete grupos, estes variavam desde carne em conserva, açúcar até roupas e remédios. Neste mesmo documento lê-se: “Um visitante autorizado classificou o S.E.F. como a maior organização de socorro d` América; êste fato constitui para nós, não um motivo de vaidade, mas um incentivo para ajudarmos sempre mais e melhor.”⁵

Os pacotes também poderiam ser enviados para pessoas conhecidas na Alemanha, mas a cada pacote individual, necessariamente deveriam ser doado outro do mesmo tipo, acrescentado de Cr\$ 10,00, conforme atesta as condições para envio da S.E.F.

Os pacotes também deveriam seguir normas, como tamanho e identificação, como os materiais que seguiam dentro do mesmo, a quantidade e principalmente a zona de ocupação (Americana, Inglesa etc.). Dentre estes documentos, existe uma extensa lista de colaboradores, com o valor doado e o nome do colaborador, divididos por localidades.

As doações em dinheiro eram transformadas em mercadorias, de acordo com a necessidade, pois não havia sentido em doar dinheiro para os refugiados neste contexto. Depois de empacotadas as mercadorias eram encaminhadas para Porto Alegre:

As mercadorias, depois de compradas e empacotadas, seguiam de Porto Alegre para o porto de Rio Grande e, de lá, para o porto de Göteborg, na Suécia, de onde eram remetidas pela Caritas Sueca à cidade de Lübeck, Alemanha, para a Caritas Alemã local dirigida pelo Pe. Franz Josef Diedrich. As mercadorias passavam pela fiscalização alfandegária e, posteriormente, eram divididas entre a Obra de Socorro Evangélica (*Evangelisches Hilfswerk*), com sede em Hamburgo, e a Caritas Alemã que se responsabilizavam pela entrega das doações (STOER, 1965:83).

⁵ Documentos avulsos, Comunidade Evangélica Luterana de Rio do Sul.

Como o pastor Stoer conhecia um número considerável de pessoas na Alemanha e fazia contato com estas, mesmo antes da guerra, a relação neste momento foi intensa e logo após os primeiros donativos chegarem da Alemanha, diversas foram as correspondências que chegaram a Rio do Sul como forma de gratidão, mas também fazendo pedidos específicos, como remédios, alimentos, tamanho a penúria do povo alemão e a identificação de Stoer com a sua pátria, contribui Klug:

A partir dos primeiros pacotes de donativos que chegaram à seus destinatários, na Alemanha, houve um significativo volume de cartas enviadas a Rio do Sul com agradecimentos emocionados e com pedidos específicos. Em todas as cartas analisadas percebe-se que a tônica de seu conteúdo gira em torno da desgraça e penúria na qual vive a população. As cartas deixam claro que falta de tudo na Alemanha, desde alimento, roupas, remédios etc (KLUG, 2000:278).

Evandro Fernandes, ao que tudo indica, foi o maior pesquisador sobre a S.E.F. em nível de Brasil, afirma que a mesma esteve ligada a *reconstrução da germanidade*, a ligação dos teuto-brasileiros aponta realmente neste sentido. As ligações com a terra natal dos antepassados sempre foram consideráveis, idioma, culinária, arquitetura, enfim, a cultura de forma geral sempre teve como referência a Alemanha. Perceptível este sentimento de pertencimento antes mesmo da unificação de 1871. Nas palavras do Padre Rambo fica bem claro tudo isto, segundo este, o auxílio para aos alemães neste momento foi uma *questão de honra*, uma vez que existia uma *dívida de gratidão*:

A relação da ajuda material da SEF com a reconstrução da germanidade e a volta à preservação dos valores culturais da Língua e Cultura germânica evidencia-se na publicação da Revista Sankt Paulus-Blatt de janeiro de 1948, periódico da Sociedade União Popular. Nela Pe. Rambo esclarece o caráter indiscutível da ajuda material da SEF à Alemanha por parte da associação. Para ele trata-se não só de uma ajuda material que minorava a fome e miséria dos alemães e consola os refugiados de guerra, mas de uma questão de honra, pois diz respeito a ajuda à pessoas às quais os descendentes de alemães no Brasil estavam vinculados por uma dívida de gratidão pela língua e cultura que delas receberam (FERNANDES, 2005:143).

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que o Comitê de Socorro à Europa Faminta foi o primeiro evento para a reconstrução da identidade germânica no Brasil. As elites labutaram em torno da reconstrução de uma percepção de identidade onde os privilégios, as regalias, o status a posição social pudessem voltar a ser o que haviam sido antes da atuação de Vargas.

A articulação em torno do elemento germânico procurando a mobilização em torno de todos os descendentes de alemães no Sul e Sudeste do Brasil objetivou também

a ligação e a identificação com o teuto que a muito estivera sua identidade solapada pela campanha de nacionalização.

Toda a referida campanha, que ainda hoje é motivo de posicionamentos dúbios foi período onde a construção de uma identidade nacional brasileira ocorreu de forma abrupta, intensificada pelo calor da Segunda Guerra Mundial. O estado que estivera praticamente ausente até então, neste período quis fazer parte do cotidiano das colônias, mas, no entanto, como isto não ocorreu de forma paulatina e espontânea o ódio e o medo da campanha de nacionalização foram molas propulsoras juntamente com toda a ligação dos teutos com o país de seus antepassados, desta forma afirma Fernandes que:

A SEF também serviu como instrumento para que os articuladores da germanidade pudessem voltar a fomentar a preservação dos valores culturais do grupo étnico alemão que, por causa da Campanha de Nacionalização e da Segunda Guerra Mundial, haviam sofrido um profundo revés. Os articuladores da germanidade foram proibidos de disseminar os ideais germanistas por causa das medidas restritivas impostas ao grupo étnico alemão no Brasil durante a Ditadura Vargas. Podemos dizer que a SEF também se constitui na primeira oportunidade de rearticulação do discurso germanista no pós-guerra (FERNANDES, 2005:154).

E estas ditas articulações se deram a partir de diversos campos da sociedade, empresarial, religioso etc. Diversos foram os empresários, grandes comerciantes ou mesmo políticos que se envolveram com a S.E.F. alimentando assim, além de milhares de famintos europeus um imenso sentimento de pertencimento a pátria alemã que mesmo com a campanha de nacionalização não fora destruído. Em toda a sua existência, de 1946 até 1949, a SEF enviou 10 remessas de donativos para a Alemanha. Somando-se 4.200 toneladas de alimentos e roupas (FERNANDES, 2005:83-84).

Ao final de três anos de trabalhos intensos os organizadores da S.E.F. perceberam que sua capacidade de articulação havia se esgotado. O comitê no Brasil havia chego ao fim de sua capacidade de conseguir donativos. Em documento encontrado no laboratório de imigração e história ambiental (labimha) no departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, lê-se:

Caros amigos da SEF!

Após três anos de trabalho intenso e frutífero em prol das vítimas da guerra resolvemos encerrar a nossa obra de caridade. Sabemos que a penúria continua, embora a situação tenha sensivelmente melhorado; mas as nossas possibilidades de cumprir com o fim primário da SEF, a ajuda ao desconhecido em grande escala também este trabalho, sem prejudicar os interessados. Dirigimos, pois, este último apêlo aos nossos amigos e

colaboradores, para que esta remessa represente uma conclusão digna da nossa obra de socorro.

Porto Alegre, em meados de março de 1949.⁶

A S.E.F. sempre se apresentou perante as autoridades como uma entidade humanitária, sem fins lucrativos e de cunho estritamente social, com finalidade única de minorar as dificuldades materiais do povo europeu. O fato desta entidade atuar logo após o término da guerra e de certo modo ser a disseminadora da reconstrução da germanidade colaborou para que uma discussão sobre tal identidade pudesse ocorrer décadas mais tarde.

Após a atuação da S.E.F. no Sul do Brasil, pode-se afirmar que a campanha de nacionalização não alcançara em sua totalidade os seus objetivos. Considerável número de descendentes de alemães não se utilizaram mais do idioma da terra de seus pais. A campanha de nacionalização somada a toda imagem negativa criada em torno dos alemães fez com que diversos descendentes de alemães abandonassem não somente o idioma alemão, mas também boa parte da cultura do país de seus antepassados.

Mas, no entanto, o sucesso da S.E.F. veio comprovar que a campanha de nacionalização não conseguira em sua totalidade fazer com que o teuto-brasileiro rompe-se com a pátria de seus antepassados e se entende-se enquanto brasileiro, para muitos descendentes de alemães, não era o *jus solis* que determinava o sentimento de pertencimento, mais sim o *jus sanguinis*.

Todo o passado recente de angústia, medo, estava ainda tão presente, que quase meia década após o término do conflito que o imaginário de muitas pessoas ainda era povoado de conceitos antagônicos e extremos como guerra e paz.

Tanto, que ao construírem uma igreja luterana e escolherem um nome para esta, não houve dúvida, nas palavras de quem viveu o período anterior a guerra, foi preso em uma penitenciária na capital do estado e presidiu o subcomitê da S.E.F. em Rio do Sul:

Também o ano de 1949 trouxe melhoramentos para as comunidades. A 22 de maio a Comunidade de Mosquito lançou a 1ª pedra de uma nova Igreja – a Igreja da Paz. “Nós precisamos de paz e reconciliação entre os povos” foram as palavras do Pastor Stoer em sua preleção “e só no Evangelho encontra-se o caminho do perdão que nos levará a elas. Seja esta futura casa consagrada a esta missão evangélica e por isso chamada de “Igreja da Paz” (STOER, 1965:50).

⁶ Documentos avulsos laboratório de imigração e história ambiental (LABIMHA) Universidade Federal de Santa Catarina.

A Igreja da Paz se localiza em Mosquito, localidade hoje pertencente ao município de Agronômica, cidade limítrofe de Rio do Sul. Assim a Igreja da Paz com este nome se consolida de certo modo como um local de memória.

Considerações Finais

A demarcação de fronteiras identitárias se deu (e se dá) através de diversas formas, principalmente pela cultura. Assim como em qualquer lugar do mundo, as balizas que definem (por determinado) período as identidades sempre serão políticas, por tanto móveis.

Em Rio do Sul, como em qualquer outro lugar, a construção identitária foi influenciada por questões políticas. Por tanto, as definições de ser e estar, e os valores para tanto estiveram sempre influenciados por ela, sendo assim tanto a mobilidade do pertencimento do indivíduo como a valorização social dos grupos estiveram associados ao contexto. Mesmo antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial a idéia da construção de uma identidade nacional pautada em valores e símbolos pátrios fora iniciada pelo Estado Novo. No jogo de afirmação e exclusão das identidades a construção de um estereótipo de cidadão ideal lançou a margem os indivíduos que não estivessem alinhados a esta nova realidade. Caso intensificado no Vale do Itajaí com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha. Neste período esta região era identificada como *quisto étnico* e perigo para a soberania nacional. A guerra que trouxe repressão e humilhação para a população de descendentes de alemães chegara ao fim e com esta, várias instituições de caráter humanitário são criadas para minorar o sofrimento dos refugiados na Europa.

Rio do Sul, cidade colonizadas por alemães recebe, em 1946 o subcomitê da S.E.F. e em torno do pastor luterano Hermann Stoer inicia a reconstrução da identidade teuto-brasileira tão espoliada desde o início do Estado Novo.

Referências

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas**: Proibição do falar alemão e resistência no sul do Brasil. Ed. Unicamp, 2006.

DREHER, Martim Norberto. **Igreja e germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, 1984.

FERNANDES, Evandro. **S.O.S Europa Faminta. Comitê de Socorro à Europa Faminta – SEF**. Dissertação de mestrado em História UFSC. 2005.

KLUG, DIRKSEN, VOIGT. **Igreja, religião e religiosidade** In: KLUG, João. DIRKSEN, Valberto (organizadores), **Rio do Sul Uma História** - Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio de Sul. 2000.

KLUG, **Instituições e Associações**. In: KLUG, João. DIRKSEN, Valberto (organizadores), **Rio do Sul Uma História** - Rio do Sul: Fundação Cultural de Rio de Sul. 2000.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura. 1982.

STOER, Hermann. **Crônica da paróquia evangélica de Rio do Sul 1908 – 1958**. Tradução de Renate S. Odebrecht. 1965.

VOIGT, André Fabiano. **A invenção do teuto-brasileiro**. Tese de doutorado. Florianópolis. UFSC. 2008.